

A L D O
Bomado

A L D O
Bonadea



DE 7 DE NOVEMBRO A 6 DE DEZEMBRO DE 2013



Bonades 66

ALDO BONADEI

LÍRICO E EXPERIMENTAL

Ninguém teve como ele a preocupação e o sentimento da paisagem urbana, da cidade que se desenvolvia em planos, do nascimento e da vida da cidade, da nostalgia dos telhados e da atmosfera que desaparecia. E ninguém teve como ele a consciência do novo. Jacob Klintowitz

Para compreender a obra de Aldo Bonadei (1906–1974) nada é mais elucidativo do que este depoimento de seu secretário Hélio Atalla:

O Bonadei me dizia que só pintava o que via. Uma vez ele encontrou uma pedra na rua, uma pequena pedra bastante acidentada, e ela serviu de inspiração e modelo para fazer um casal de namorados. Bonadei dizia que a pedra era um casal de namorados! E me repetia, muito seriamente, que só pintava o que via.

Bonadei interessava-se por objetos que atraíam sua atenção, não importando se eram sofisticados ou populares, ricos ou pobres, caros ou baratos. Seu olhar se estendia a tudo, de flores a barbantes, de linhas a pedras. Colecionava bules, jarras, xícaras e pratos, e os colocava em estantes cuidadosamente organizadas, para guardá-los - mas guardá-los à maneira do poeta Antônio Cícero:

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la, ou ser por ela iluminado.

Ao dispor seus objetos para pintá-los o olhar de Bonadei de fato os iluminava e por eles era iluminado, levando-o a elaborar formas, construir planos e criar cores que realmente não estavam lá, mas sim dentro dele. Da mesma forma seu olhar guardava as paisagens. Ao mirá-las e admirá-las ele as transformava, e por elas era transformado. Vinha daí sua opção majoritária pela natureza morta e pela paisagem, temas soberanos em sua obra. Observemos que os nus e retratos que executou, embora poucos, demonstram grande maestria e uma fina percepção do ser humano. O admirável retrato de Osório César é um exemplo, uma obra repleta de tensão na qual a melancolia do retratado se expressa por inteiro, dos seus olhos à postura de seu corpo levemente inclinado.

O interesse de Aldo Bonadei pela pintura veio desde criança e seu primeiro quadro foi realizado quando ele tinha apenas 9 anos. Nos anos 1920 estudou com Pedro Alexandrino, que lhe deu uma sólida formação. Em 1930 foi para a Itália onde estudou na Academia de Belas Artes de Florença com Felice Carena

e Ennio Pozzi, voltando ao Brasil em 1932. Do seu aprendizado acadêmico Bonadei herdou a consciência da importância da composição, da elaboração de um trabalho como *cosa mentale*, e um profundo respeito ao *métier*, expresso no cuidadoso preparo das telas e na meticulosa ordem de seu ateliê.

A integração de Bonadei ao Grupo Santa Helena ocorreu em 1935 e abriu ao artista um novo caminho. A oportunidade de trabalhar de maneira mais livre e de pintar *en plein air* afinava-se com sua busca, e era confortador conviver com artistas que, como ele, precisavam trabalhar em outra área para sobreviver. A luta pelo reconhecimento do artista como um profissional, uma das bandeiras do grupo, também encantou Bonadei. Entretanto, vale observar que ele tinha uma situação bastante peculiar, pois sua família mantinha um ateliê de costura e bordado no qual ele trabalhava com grande envolvimento.

Até os anos 1940 suas paisagens urbanas registram, com certa nostalgia, uma São Paulo que crescia assombrosamente engolindo as paisagens bucólicas das bordas da cidade. Esse trabalho tem intensa identificação com a produção do Grupo Santa Helena mas, já nesse momento, suas naturezas-mortas são permeadas por um olhar lírico que cria poesia em todos os detalhes. São composições construídas à maneira de Cézanne, nas quais ele expressa um estilo inconfundível que irá se acentuar cada vez mais.

A afinidade com o grupo se estende para sempre, mesmo depois de sua saída do ateliê conjunto, mas rotular Bonadei como *Santa Helena* marca o artista num único momento de seu trabalho e é redutor de sua complexidade.

Poucos artistas brasileiros desse período tiveram tão grande envolvimento com a pesquisa plástica, e a busca da inovação foi uma constante em sua trajetória. Na década de 1940, quando no Brasil havia uma forte rejeição à abstração, pintou as suas impressões musicais, transmitindo plasticamente suas sensações. Sobre essa experiência dizia Bonadei:

A música me mostrou coisas que a realidade não mostrava. Revelou-me um espaço que eu não conhecia oticamente e me ajudou muito na pintura. (...) Isso me marcou para sempre.

No final nos anos 1940 a tardia descoberta do Cubismo levou Bonadei a trilhar outros caminhos, sem abandonar suas conquistas, num processo descrito com precisão por Lisbeth Rebolo Gonçalves, autora de imprescindível livro sobre o artista:

É um traço característico da personalidade de Aldo Bonadei não rejeitar conhecimentos anteriores, agindo por um processo de acumulação e assimilação, buscando explorar as aberturas trazidas através de cada uma de suas experiências, conduzindo-as à reciclagem e a uma tentativa de coadunação com o já realizado. Dá-se como que um processo de feedback, em que o artista recupera a concepção de realidade à luz da essencialidade descoberta na procura abstrata.

Aliada à essa nova plasticidade Bonadei redescobre a cor e seu trabalho se reveste de vibrações intensas, como observa Walter Zanini:

Esta densidade da cor, do desenho, da composição, serve-se não pouco do hábito ancestral da perspectiva linear, mas o objetivo não é um realismo “vivo” e sim um arranjo vibrante de ritmos e planos construídos. E tudo é orgânico e indissolúvel na pintura sensível e intelectual do emérito artista brasileiro que soube instaurar, sem efêmeros sensacionanismos, nas suas variadas pesquisas, com o sorriso grave de seu temperamento, um estilo inconfundível.

A consciência do novo, importante característica apontada por Jacob Klintowitz em seu livro sobre o artista, leva Bonadei a ousar, a criar quadros-objetos incorporando diversos materiais. Nos anos 1940 desconstrói a tradicional dupla obra e moldura utilizando um chassi chanfrado por cujas bordas estende a tela e a pintura. Na obra *Mara*, apresentada na VI Bienal de São Paulo, em 1961, o artista une suas descobertas pictóricas às experiências de bordado e costura oriundas do seu núcleo familiar, num trabalho tão contemporâneo que poderia ter sido criado hoje.

Paralelamente à sua produção artística faz ilustrações, pinta tecidos e cria padrões para a indústria. Nos anos 1950 faz projetos gráficos, cria cenários e figurinos para a Cia Nydia Lícia e para Walther Hugo Houry, entre outros. E ainda escreve poesias e considerações sobre os processos de criação plenas de lirismo.

Aldo Bonadei foi um artista atuante e participante. Junto ao Sindicato dos Artistas Plásticos, defendeu arduamente o reconhecimento da profissão. Expôs em várias edições do Salão Paulista de Arte Moderna recebendo os mais importantes prêmios do certame. Participou da Bienal de São Paulo, representou o Brasil na Bienal de Veneza, expôs no Japão, Chile, Cuba e Paris e realizou exposições individuais nas mais expressivas galerias da época como Domus e Bonfiglioli. Sempre foi elogiado pela crítica e tinha o respeito e o carinho de seus colegas e alunos. Ao preparar essa mostra, conversando com artistas contemporâneos descobri que entre eles essa admiração persiste até hoje.

Sem pretensões esta exposição procura resgatar a plenitude de Aldo Bonadei, um artista que sabia harmonizar contradições produzindo uma obra densa, lírica, nostálgica, e ao mesmo tempo vibrante e sem estridência. Um trabalho que surpreende pela inovação, e pela naturalidade com que ela brota do seu fazer artístico.

Denise Mattar
Curadora

Não se poderia imaginar um artista
plena mente satisfeito ou também que
o mesmo ao começar um quadro
saiha como esse, vai terminar.
Há o imprevisto.

descriçãõ, até provavel síntese,
longo. ecumicula.

**Freguesia do Ó**

Óleo sobre aglomerado de madeira

48 x 38 cm

1932

Coleção Particular



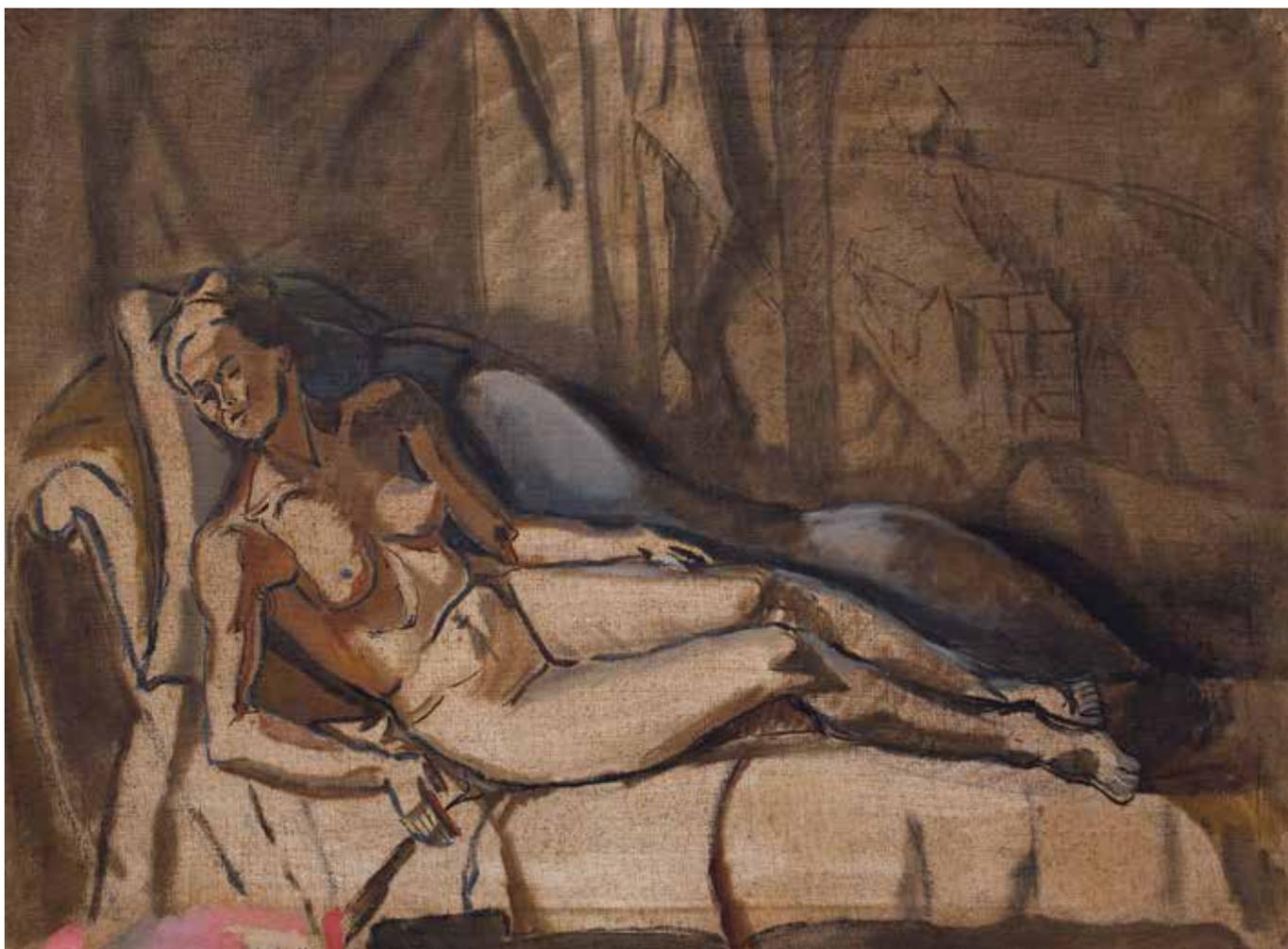
Natureza morta

Óleo sobre tela

76 x 85 cm

1932

Coleção Almeida e Dale



Nu
Óleo sobre tela
69 x 93 cm
Sem data
Coleção particular



Em 1939, Bonadei integrou o Grupo de Cultura Musical, formado em torno de Adolpho Jagle. Entre 1942 e 44, frequentou reuniões semelhantes realizadas na residência do médico psicanalista e crítico Osório César. A partir dessa vivência criou a série “Impressões Musicais”, na qual procurava transmitir plasticamente suas sensações auditivas. Essa experiência foi marcante para o artista pois revelou a ele as possibilidades da abstração.

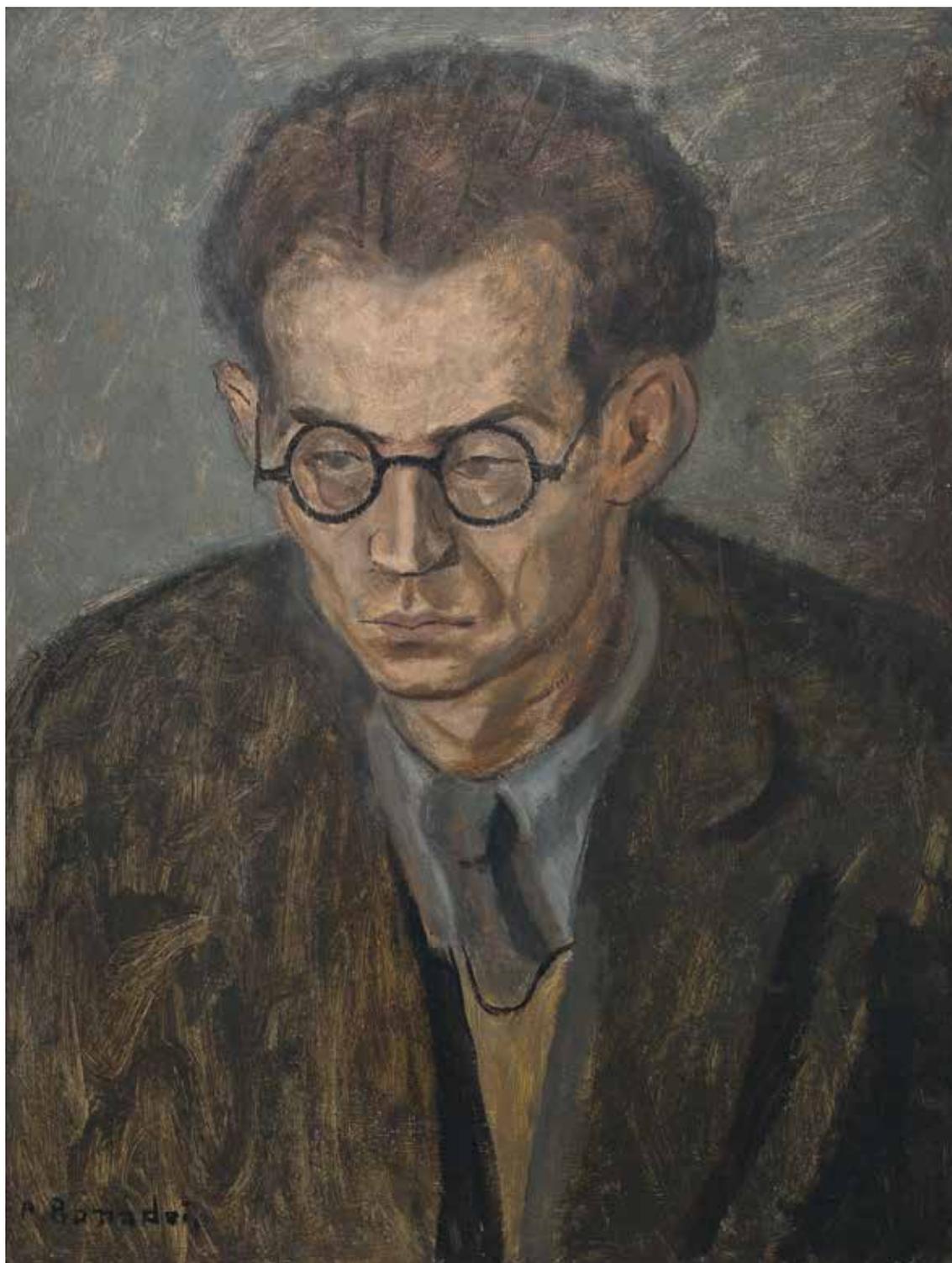
Série Musical

Óleo sobre tela

46 x 60 cm

1944

Coleção particular



Retrato de Osório César

Óleo sobre papelão

37,5 x 50 cm

1930

Coleção particular



Moema

Óleo sobre tela

47 x 62,5 cm

1944

Coleção particular

**Sem título**

Óleo sobre tela

53 x 68 cm

1944

Coleção Orandi Momesso



Sem título

Óleo sobre tela

54 x 80,5 cm

1968

Coleção Almeida e Dale



Sem título

Óleo sobre tela

77 x 60 cm

1966

Coleção Particular



Natureza morta. Mesa de ateliê

Óleo sobre tela

47 x 79 cm

1945

Coleção particular



Natureza morta

Óleo sobre tela

74 x 60 cm

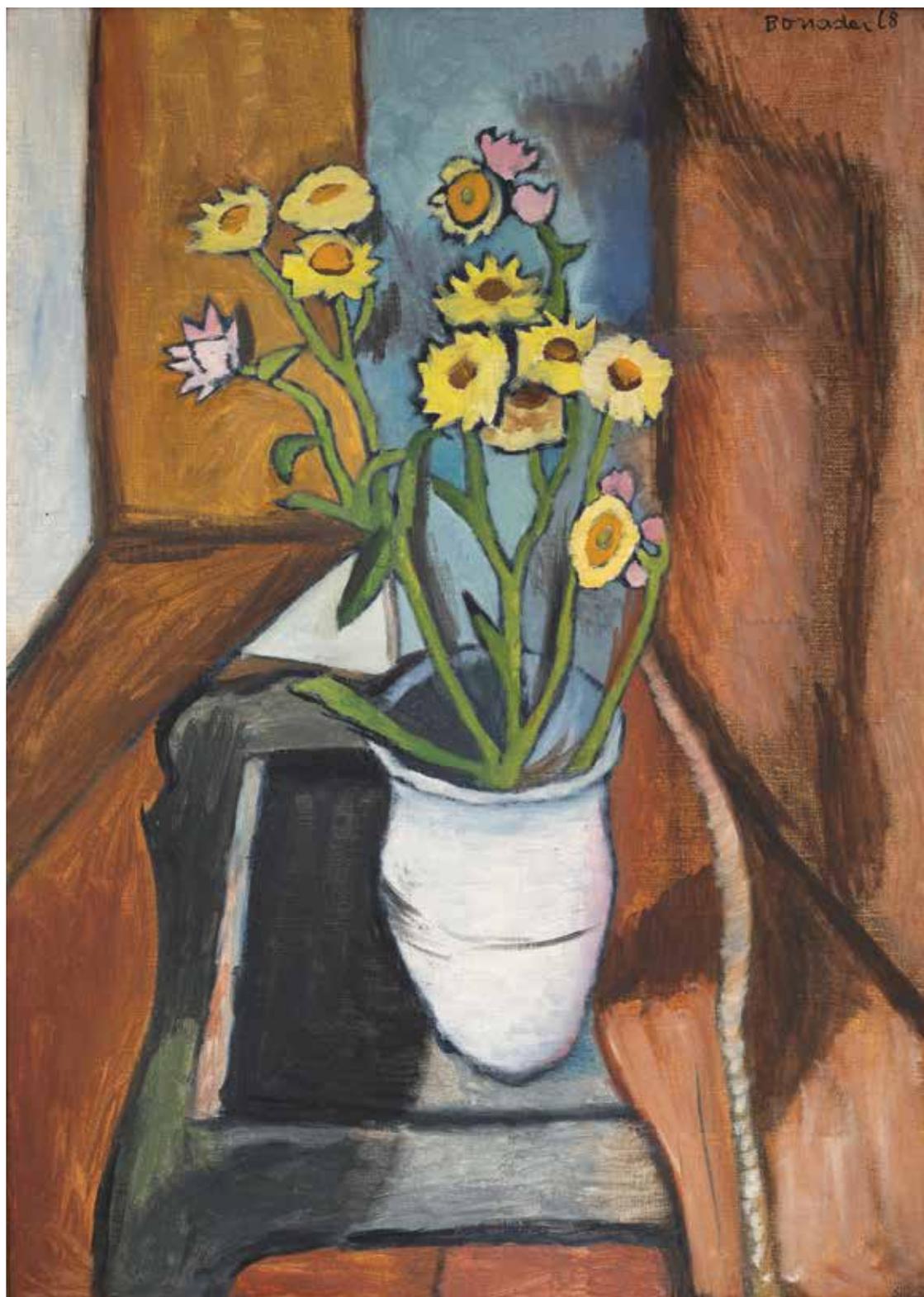
1948

Coleção particular

*Ocre-azul
Amor-espera
Azul-pervenche
Azul-turquesa
Noite-noite
Amor-amor
Azul-azul
Ocre-adeus*

*Azuis tem muitos
O que eu quero
É um só.*

Aldo Bonadei



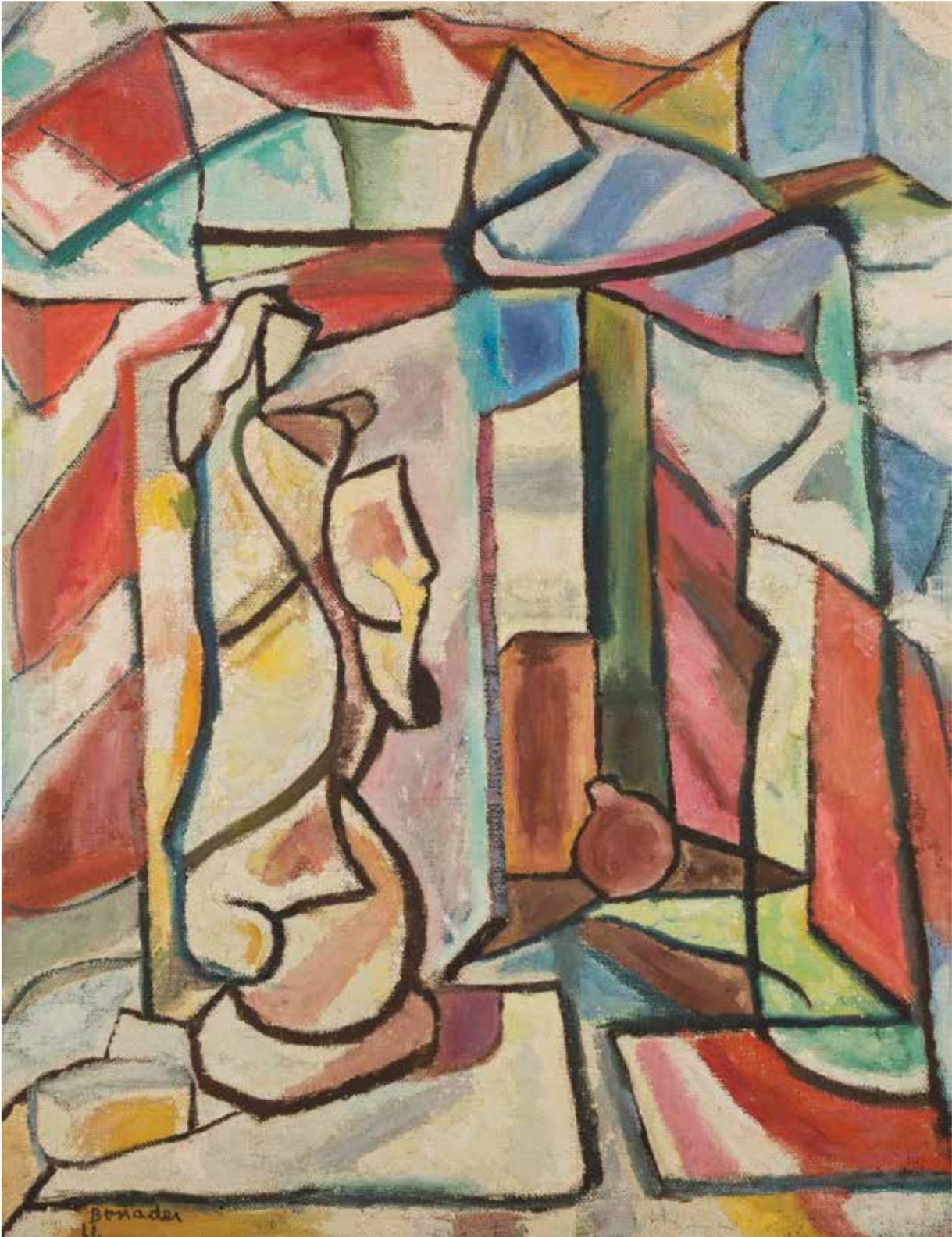
Flores

Óleo sobre tela

75 x 50 cm

1968

Coleção Almeida e Dale



Sem título

Óleo sobre tela

100 x 77 cm

1966

Coleção Almeida e Dale



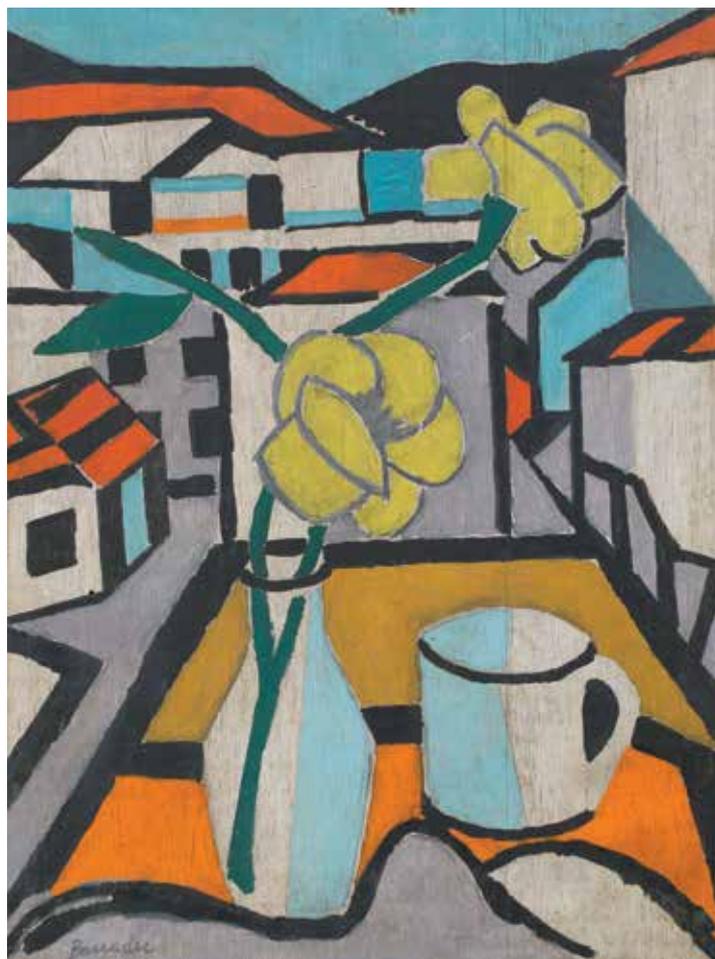
Sem título

Óleo sobre tela

55 x 65 cm

1966

Coleção Almeida e Dale



Sem título

Óleo sobre aglomerado de madeira

39,5 x 29,5 cm

S.D.

Coleção Marcos Ribeiro Simon



Sem título

Óleo sobre tela

60 x 73 cm

1973

Coleção Almeida e Dale



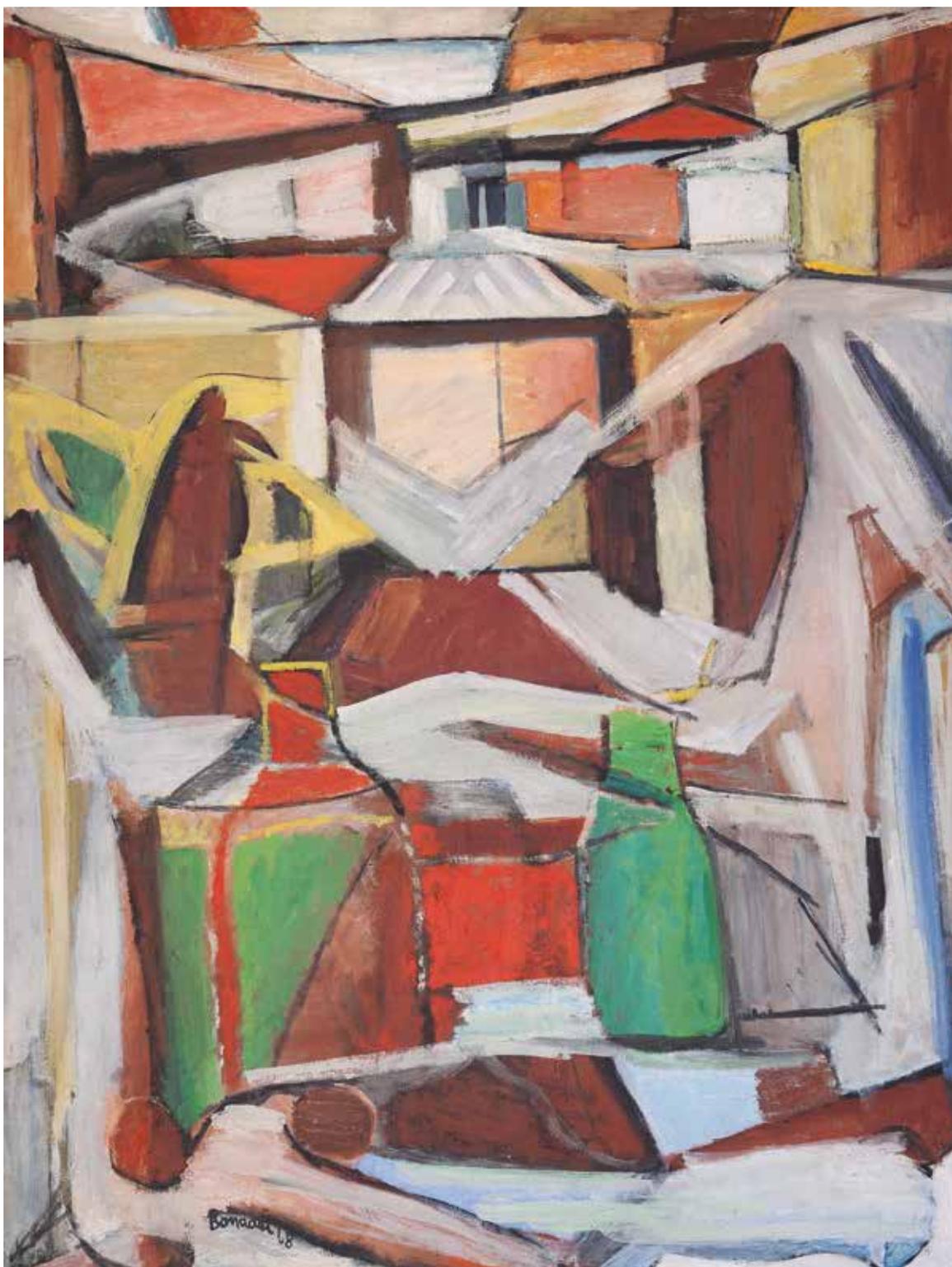
Natureza Morta

Óleo sobre tela

120 x 92 cm

1970

Coleção Ladi Biezus



Sem título

Óleo sobre tela

115 x 89 cm

1968

Coleção particular



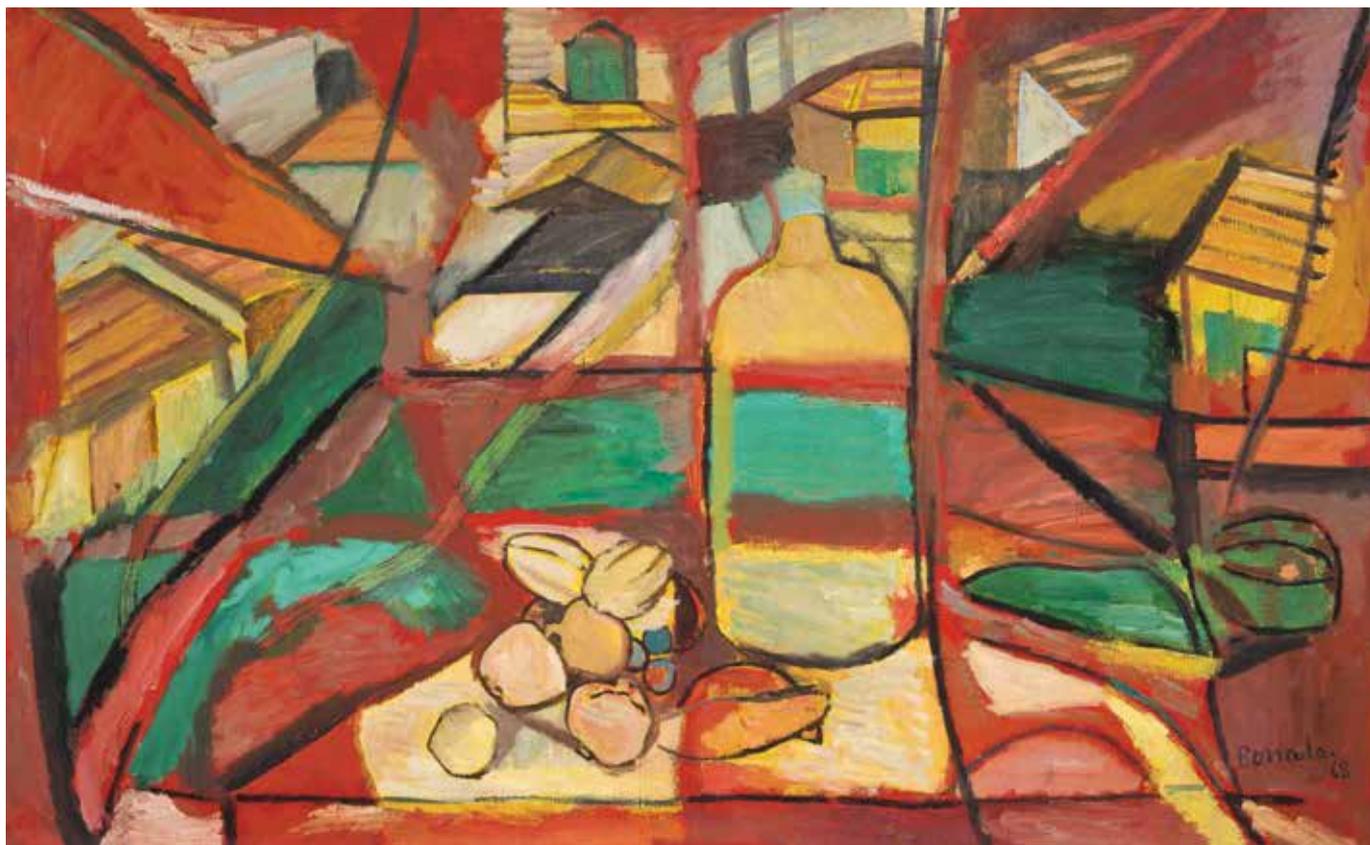
Natureza Morta

Óleo sobre madeira

26 x 36 cm

1968

Coleção Mastrobuono



Natureza Morta

Óleo sobre tela

75 x 120 cm

1968

Coleção Mastrobuono

Essa natureza morta pertenceu a Norberto Nicola, artista que inovou a tapeçaria no Brasil. Ele manteve uma longa amizade com Bonadei e deu o seguinte depoimento, publicado no livro *Bonadei*, editado pela Raízes Artes Gráficas, em 1980.

Bonadei era muito delicado, sutil, bom amigo, cuidadoso com os que o cercavam. E lutou com grandes dificuldades, só nos últimos tempos ele realmente pôde viver de seu trabalho com tranquilidade. Neste meio tempo, Bonadei fazia outras coisas para viver, dava aulas, fazia moda. Mas a moda não lhe dava dinheiro. Também na moda Bonadei era um pioneiro. Fazia belíssimos vestidos, às vezes um pano sem corte, com pouca costura. Era avançado demais. No fim Bonadei curtia um pouco, divertia-se, impunha sua nova condição.

Norberto Nicola



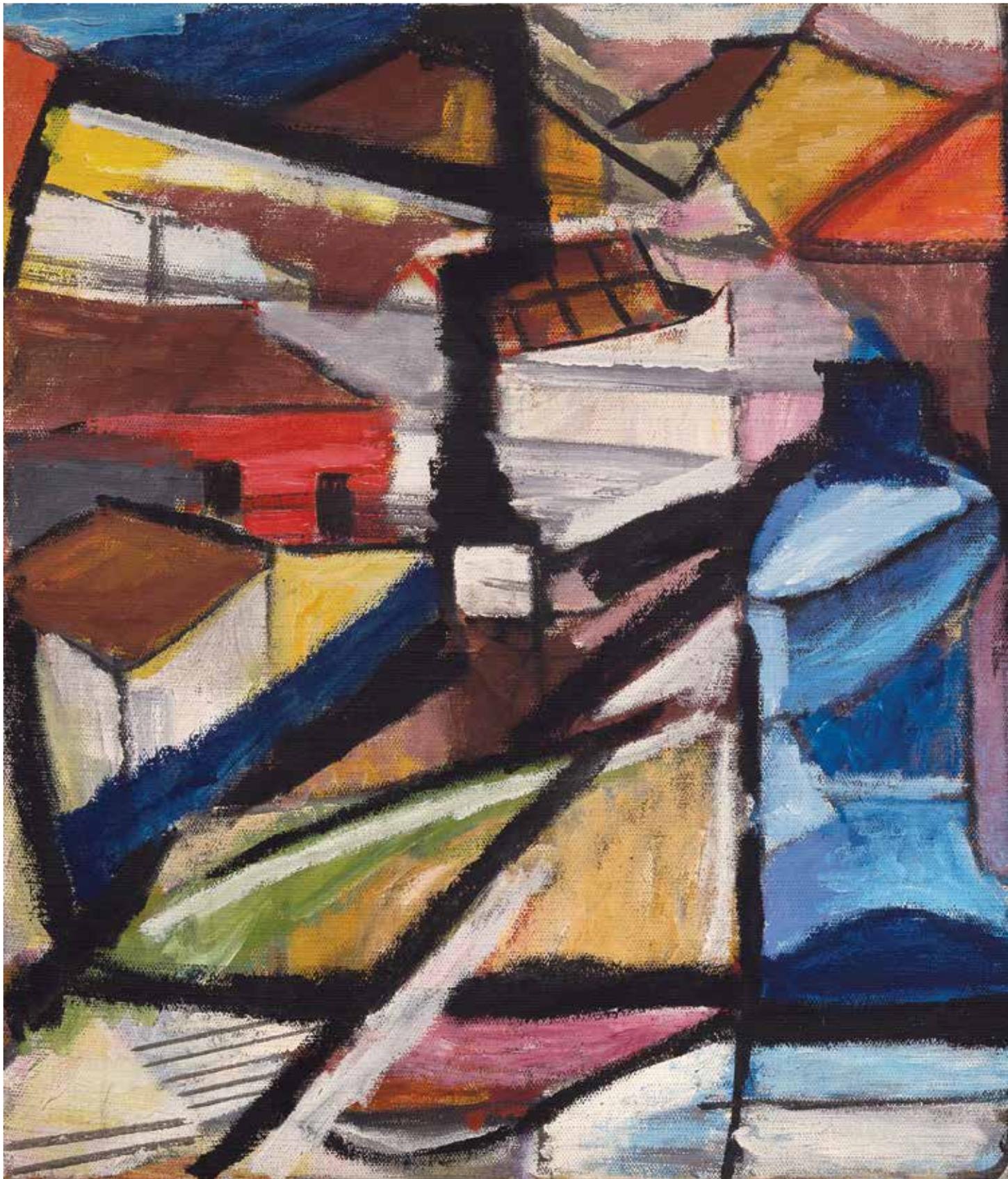
Natureza Morta

Óleo sobre tela

59,5 x 81 cm

1969

Coleção particular



Dia e Noite

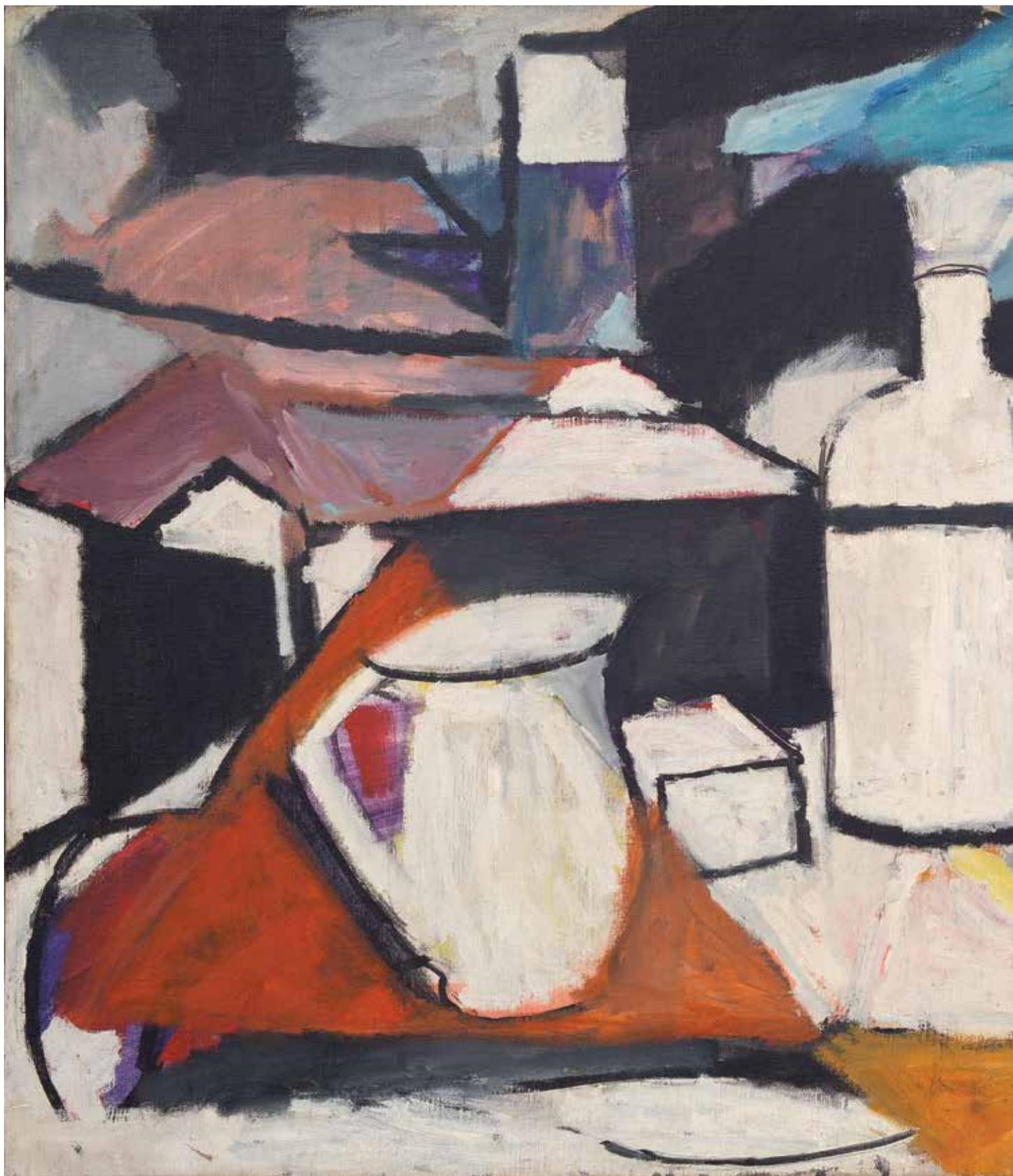
Óleo sobre tela

70 x 120 cm

1968

Coleção particular





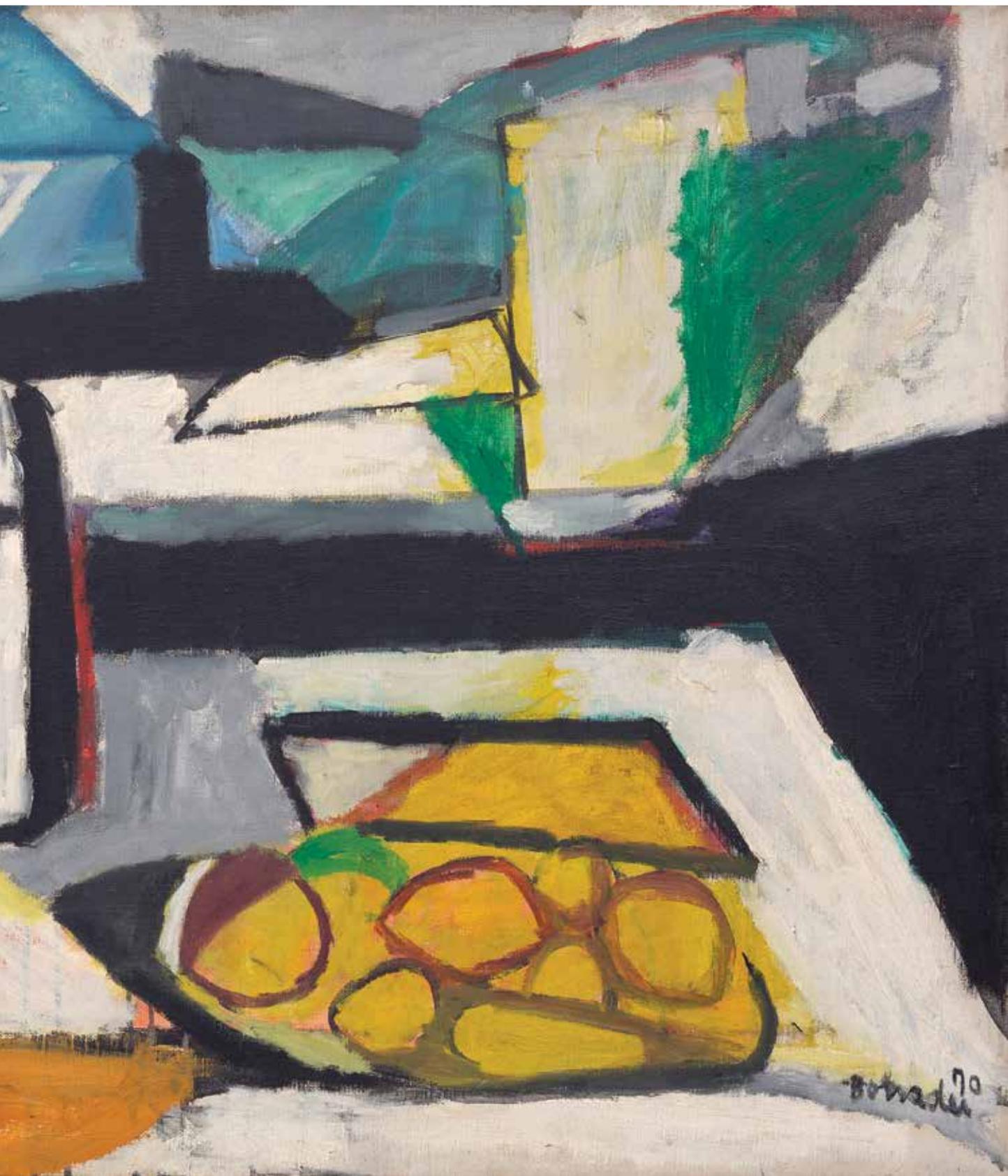
Natureza morta e paisagem

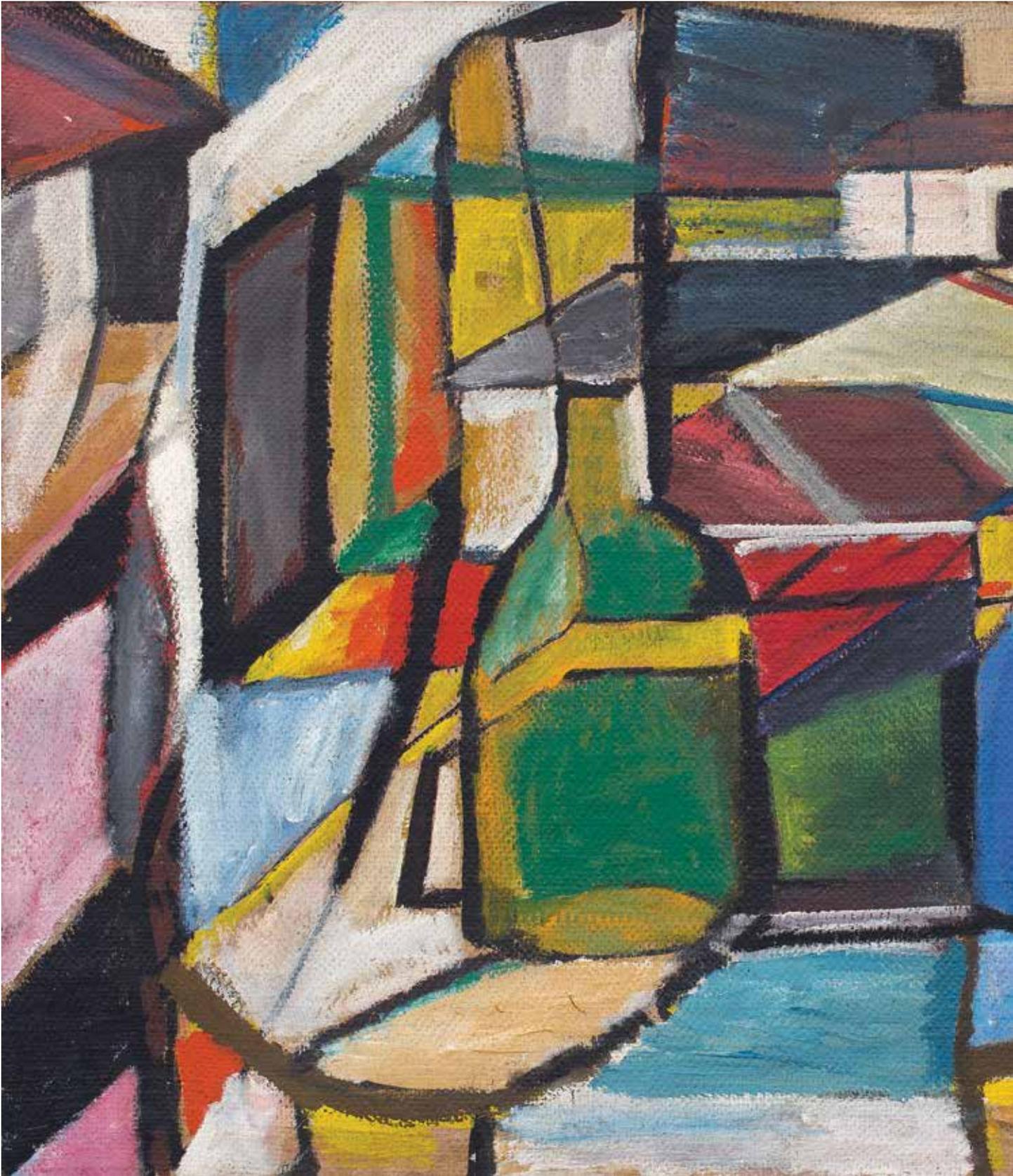
Óleo sobre tela

70 x 120 cm

1970

Coleção Marcos Ribeiro Simon





Natureza Morta

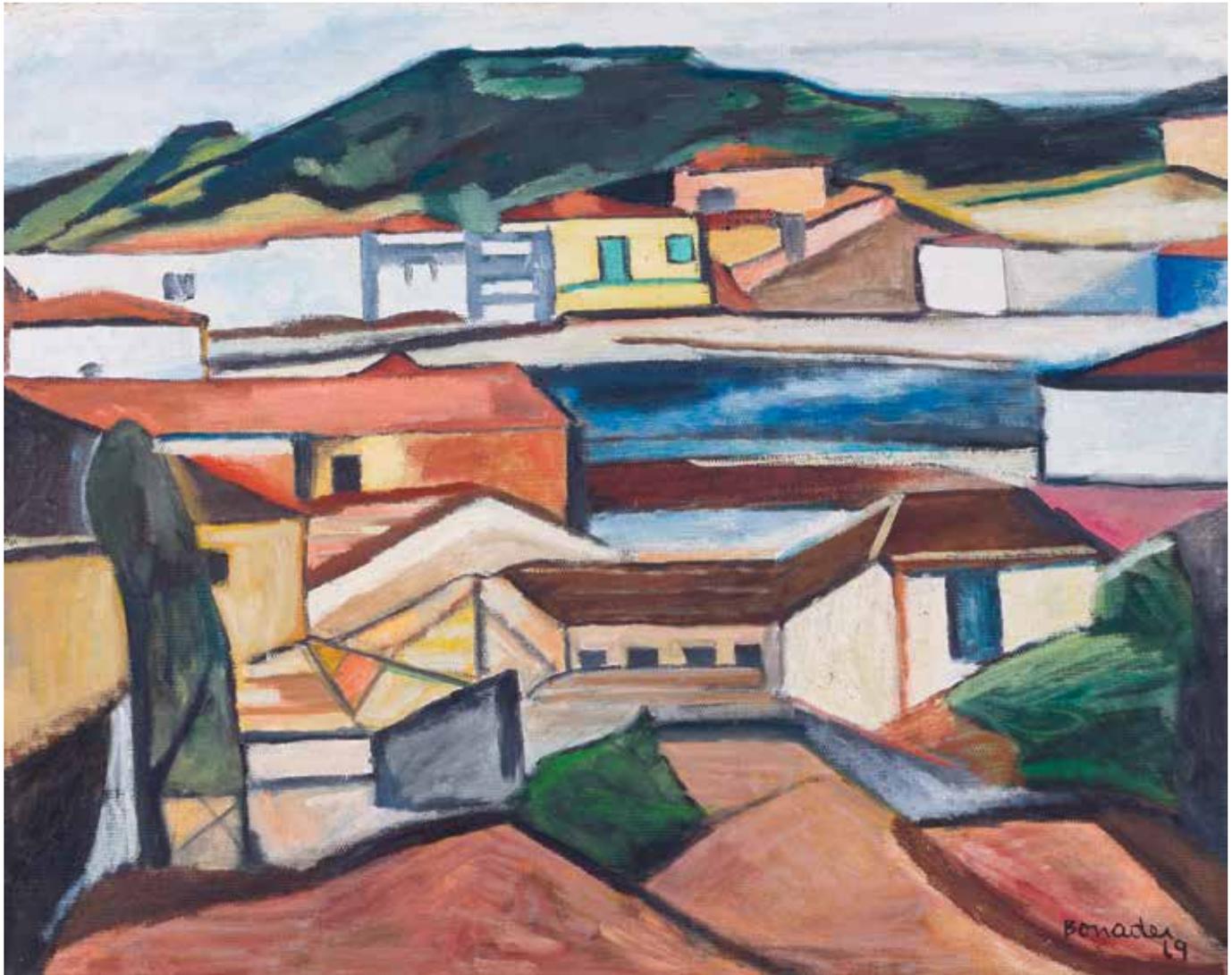
Óleo sobre tela

70 x 121 cm

1968

Coleção particular





Casario

Óleo sobre tela

65,5 x 81,5 cm

1969

Coleção Almeida e Dale



Fábrica

Óleo sobre tela

116 x 88,5 cm

1968

Coleção particular



Sem título

Óleo sobre madeira

50 x 42 cm

1972

Coleção Almeida e Dale



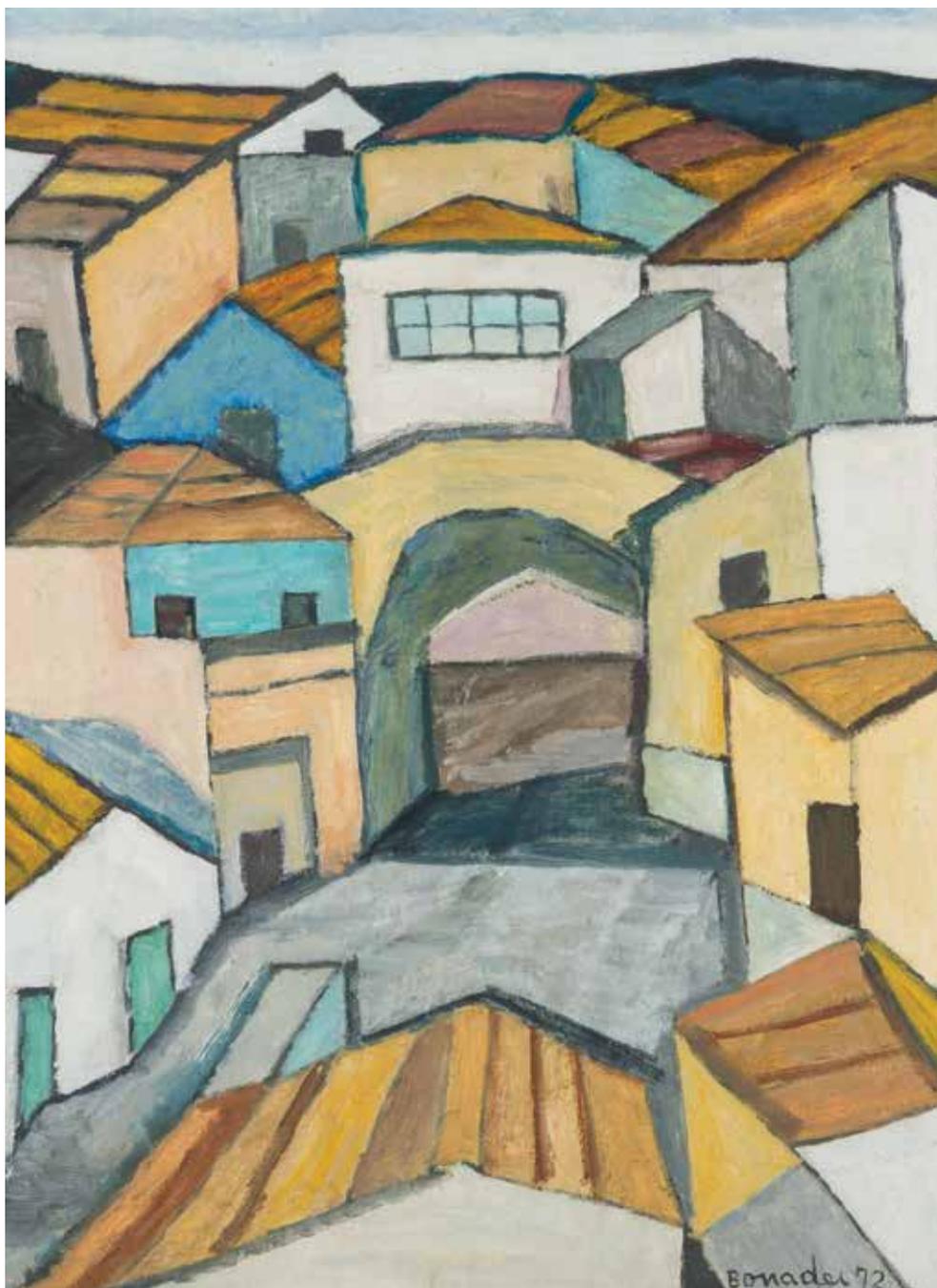
Sem título

Óleo sobre tela

65 x 85 cm

1972

Coleção particular



Sem título

Óleo sobre tela

73 x 54 cm

1972

Coleção Almeida e Dale



Sem título

Óleo sobre tela

54 x 81 cm

1973

Coleção particular



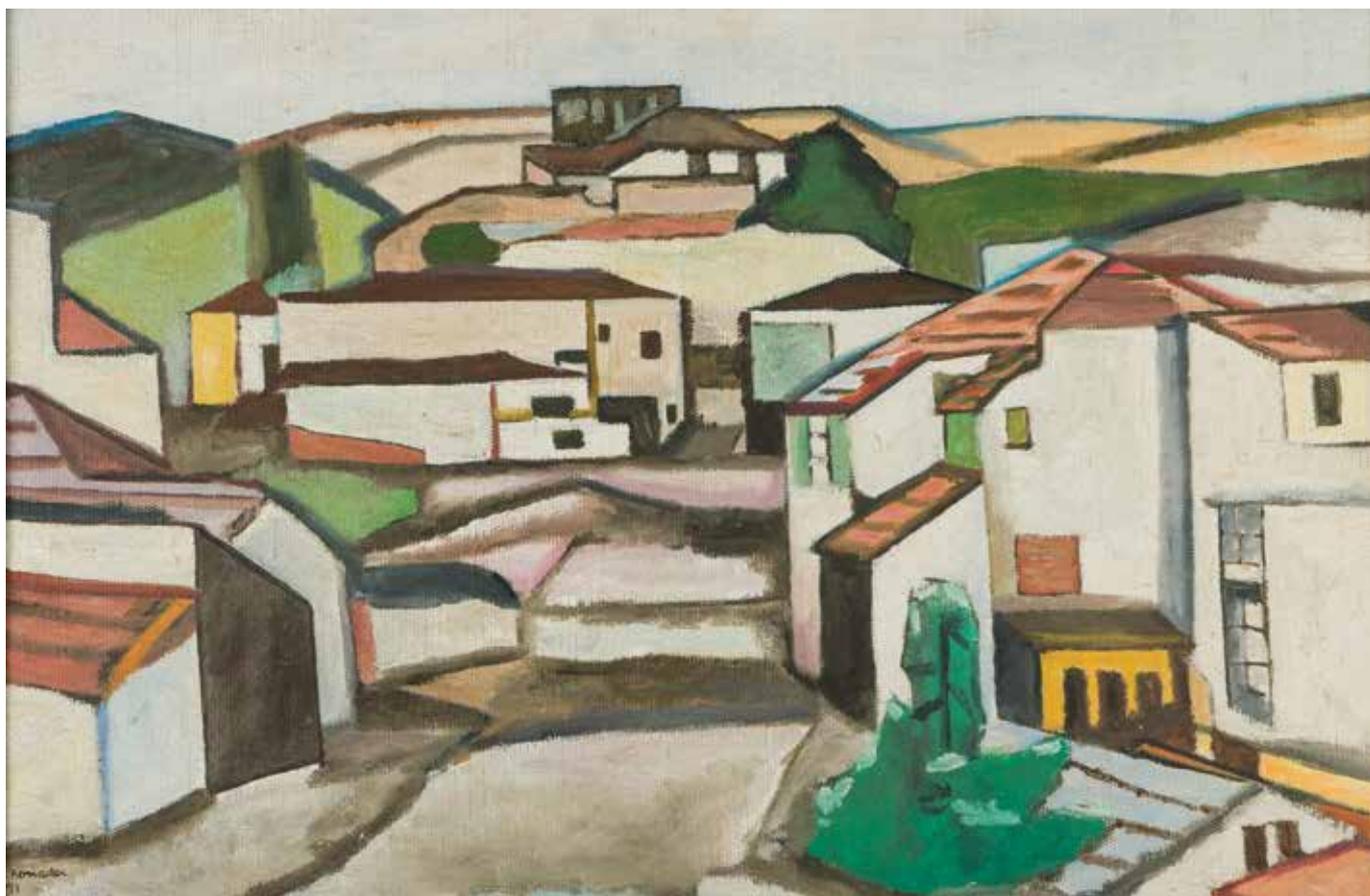
Sem título

Óleo sobre aglomerado de madeira

30 x 39,5 cm

S.D.

Coleção particular



Sem título

Óleo sobre tela

55 x 81 cm

1971

Coleção particular

Mara

Óleo sobre fio de linha sobre tela

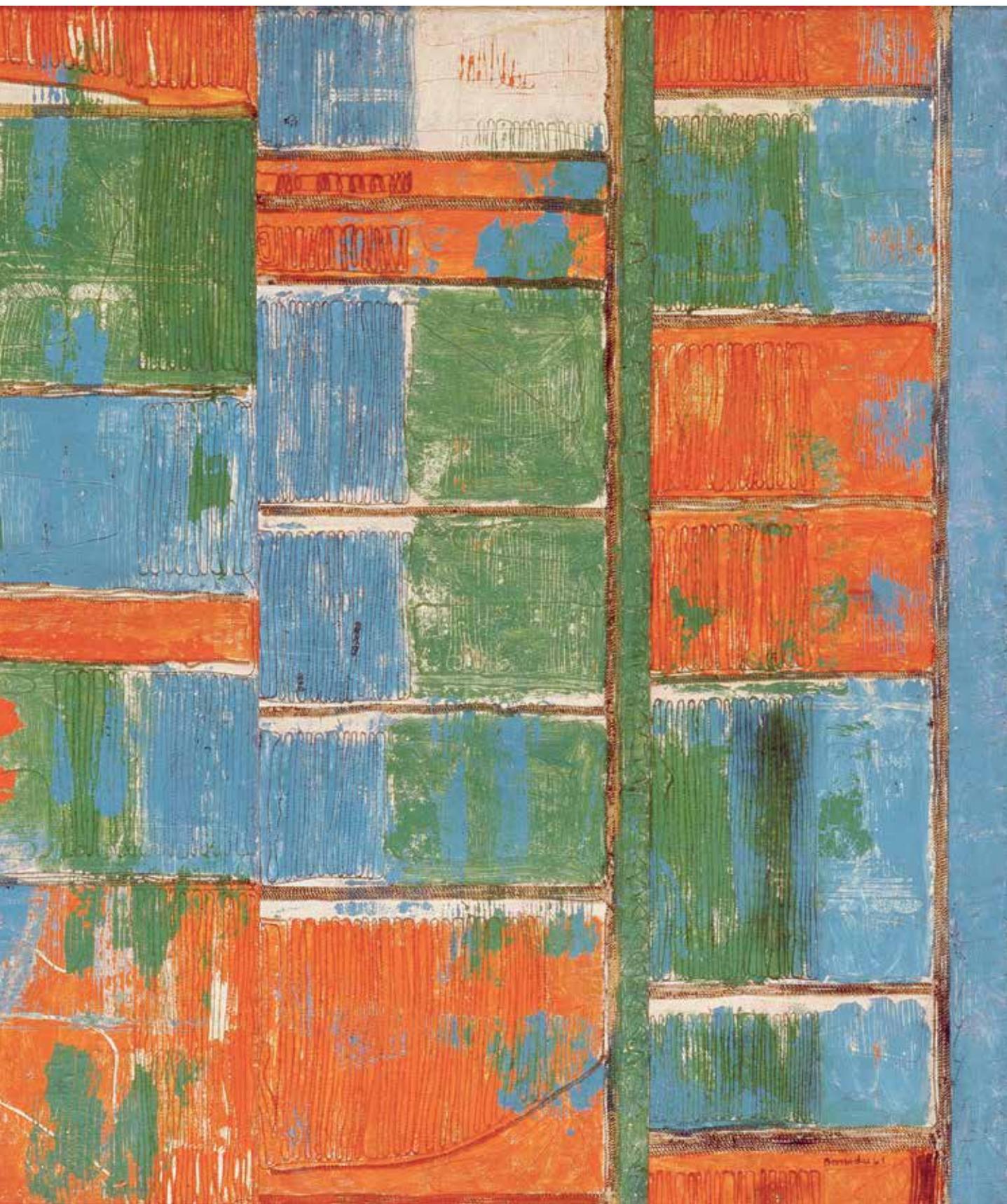
114 x 142 cm

1961

Coleção particular

Esta obra participou da 6ª Bienal de SP







Sem título

Óleo sobre tela

60 x 73 cm

1955

Coleção particular



Ateliê

Óleo sobre tela

100 x 77 cm

1958

Coleção particular



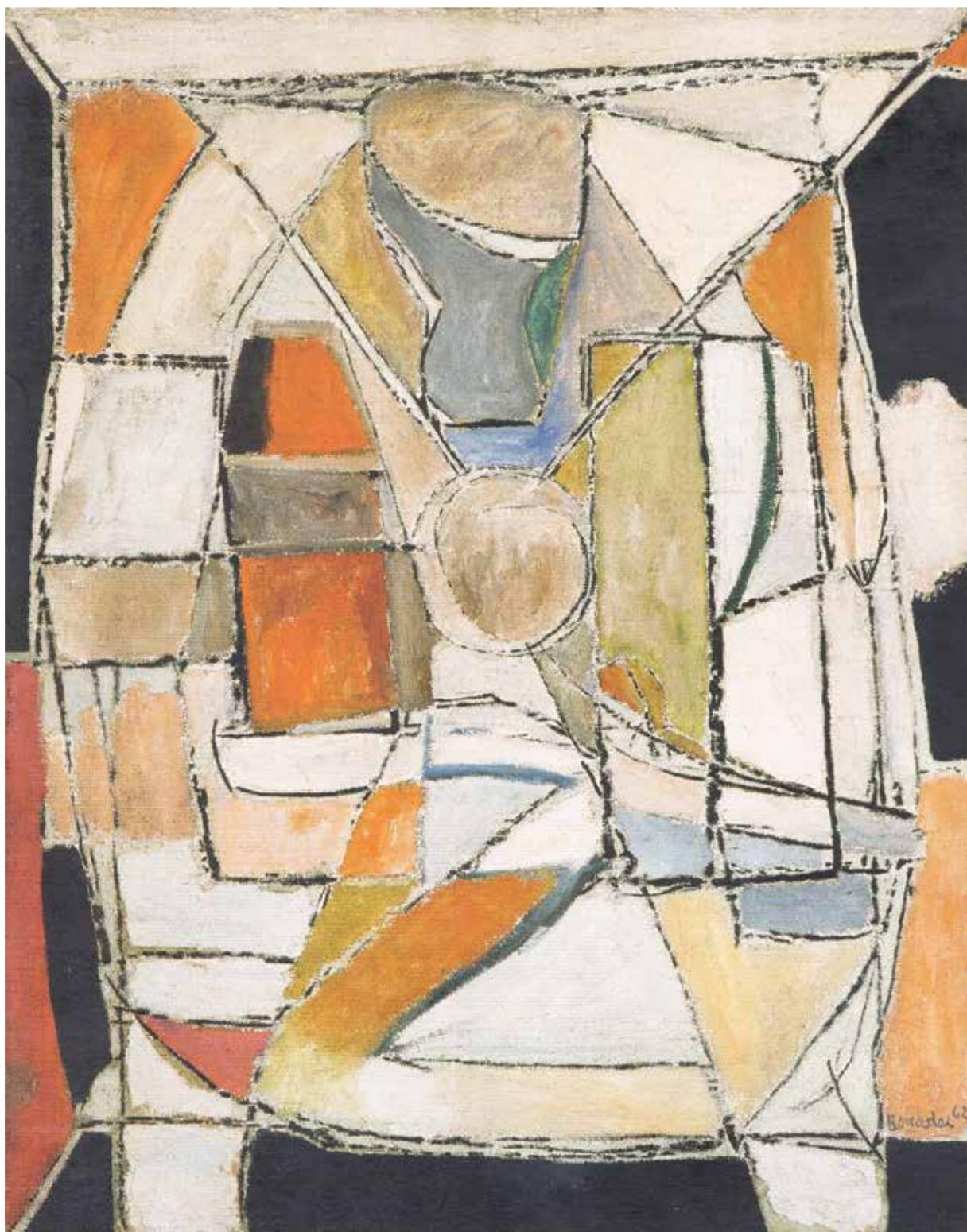
Sem título

Óleo sobre cartão

25 x 23 cm

1962

Coleção Almeida e Dale



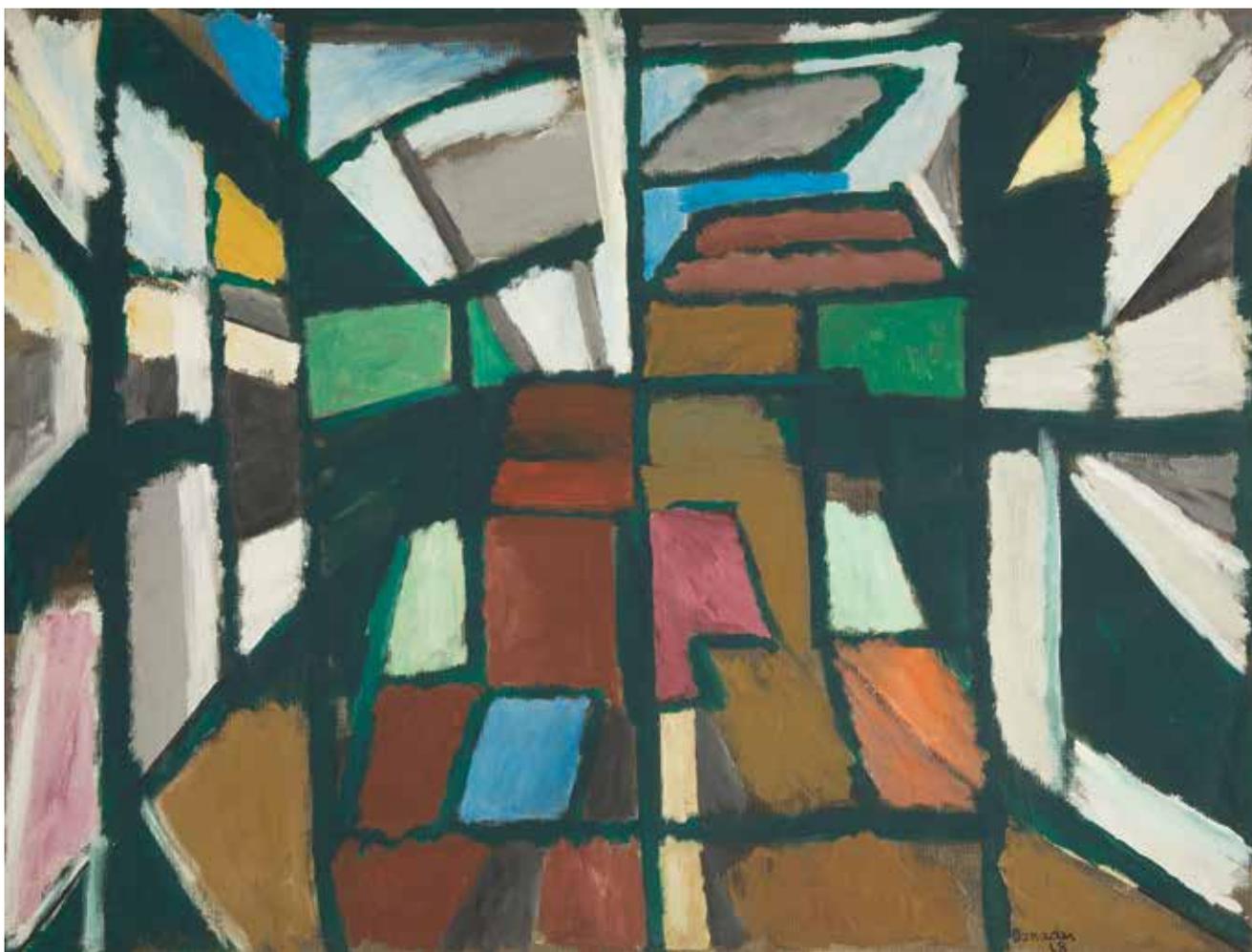
Catrópico

Óleo sobre tela

92 x 73,5 cm

1962

Coleção particular



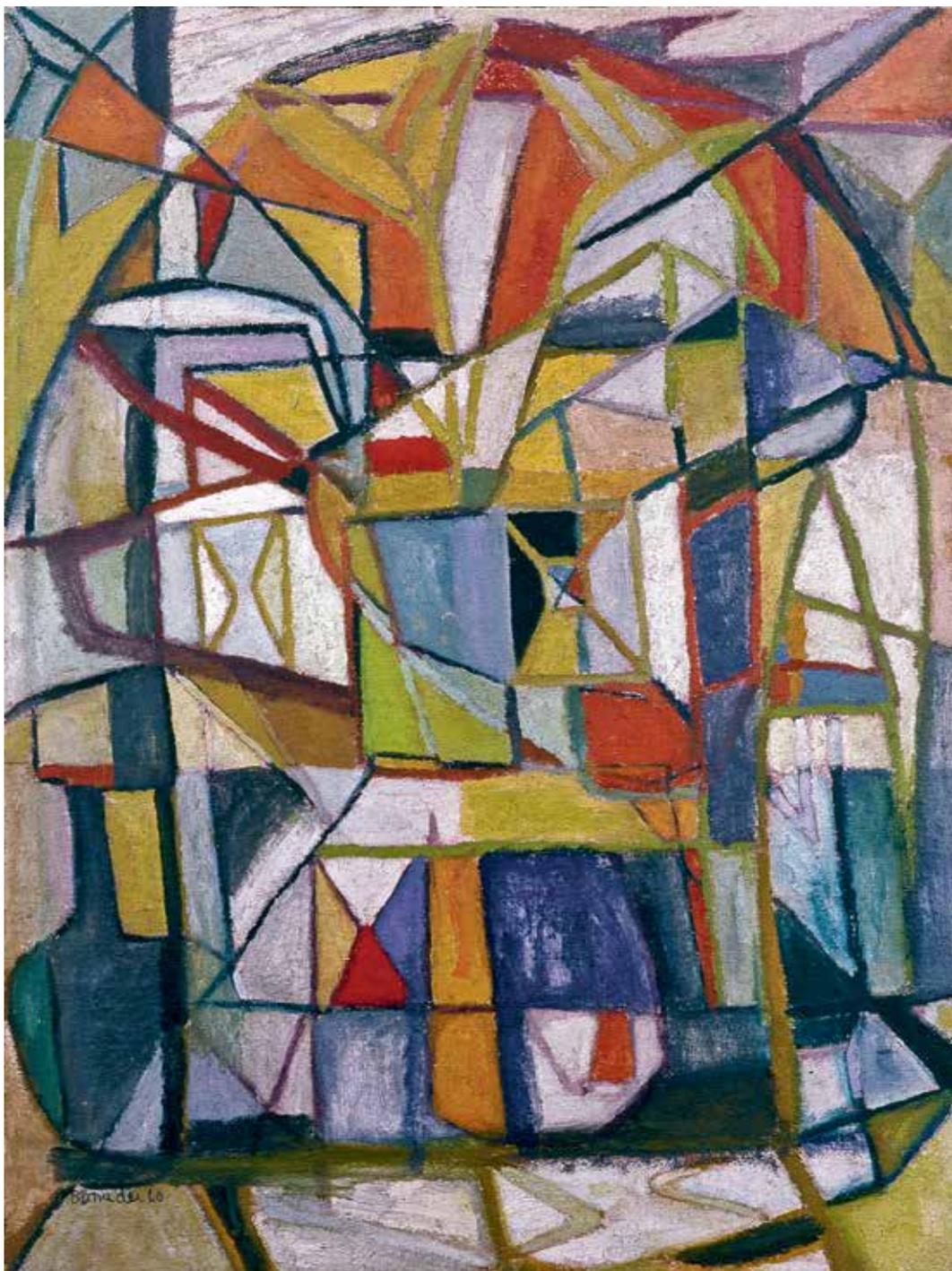
Composição

Óleo sobre tela

100 x 130 cm

1968

Coleção Ladi Biezus



Ciranda

Óleo sobre tela

91 x 68 cm

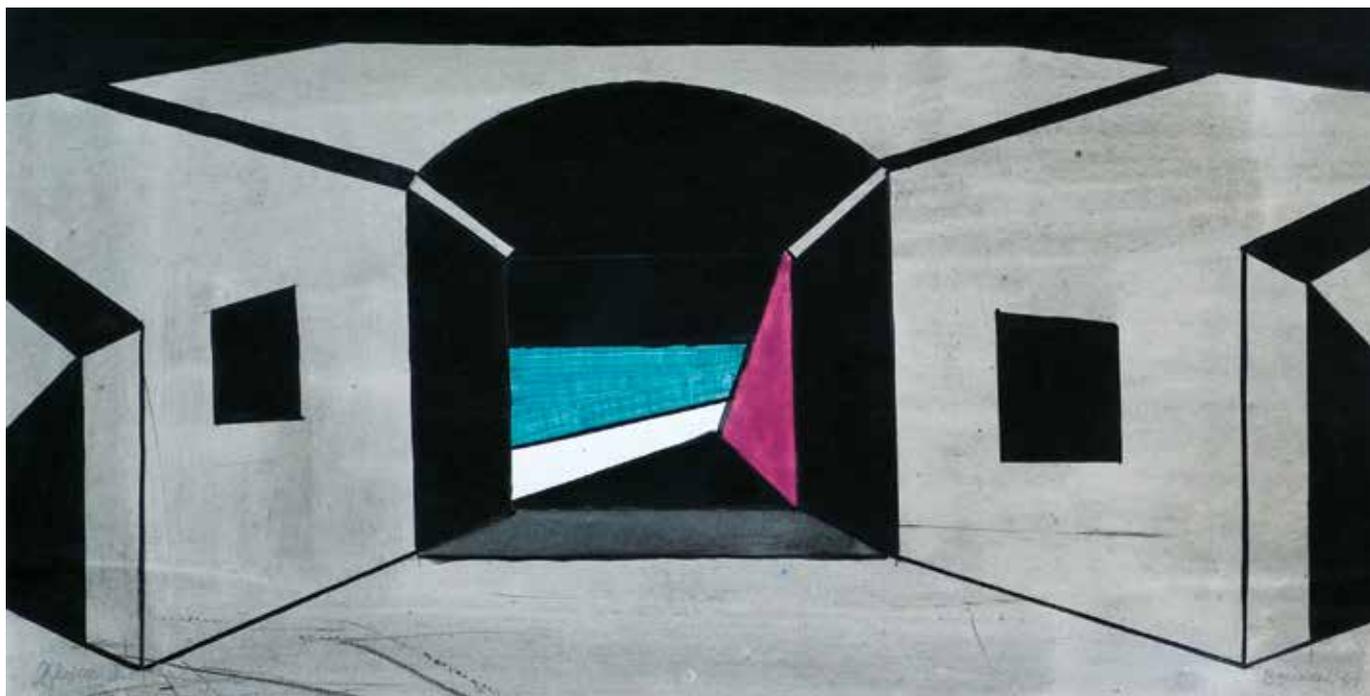
1960

Coleção particular

*Não vás ainda, o instante já foi
Irás de vermelho
O tempo irá contigo
Depois será outro tempo*

*A cidade está toda cor-de-rosa
Cor da infância longínqua
Cidade imensa
Casa sobre casa
Sempre a mesma cor
Gás néon brinca
Sobre o azul
Inutilmente*

Aldo Bonadei



Cenário criado por Aldo Bonadei para a peça teatral *La Sirena Varada* de Alejandro Casona, apresentado em reprodução na exposição.



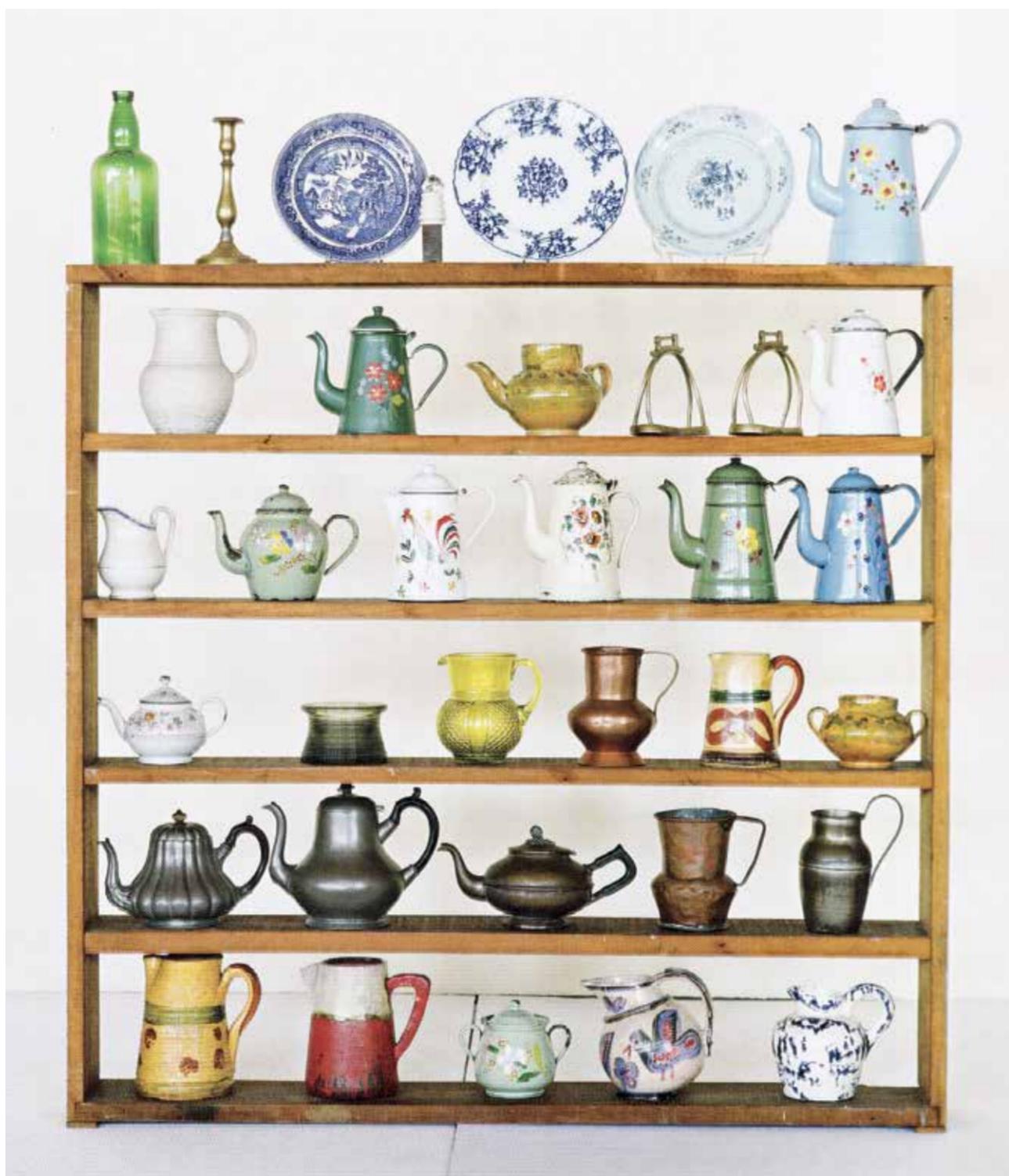
Natureza morta com flores

Óleo sobre tela

78 x 120 cm

1961

Coleção Almeida e Dale



Estante montada pelo artista com objetos da sua coleção.

**Bolero em renda**

com aplicações de renda de piquet

38 x 45 cm

Coleção Museu da Moda, RJ

**Blusa em crepe**

com bordados na gola e nas costas

49 x 53,5 cm

Coleção Museu da Moda, RJ

**Bolero em algodão**

com um botão, bordado na altura da cintura, na frente e no verso

45 x 46 cm

Coleção Museu da Moda, RJ

**Blazer em seda**

com três botões e detalhes frontais bordados

68,5 x 47 cm

Coleção Museu da Moda, RJ

**Almofada**

com listras coloridas
30 x 53 x 4 cm

**Leque**

pintura sobre papel colado
em bambu em formato de leque
34 x 19 cm

**Leque**

pintura sobre papel colado em
bambu em formato de leque
36,5 x 20 cm

...Se um abstracionista ortodoxo quiser afirmar que não há na pintura de Bonadei abstração propriamente dita, também estamos no direito de assegurar que não é ele um figurativo. Os seres que compõe, os solos que pinta, as folhas que colore são entes de pura pintura. Como de pura pintura é o espaço que sentimos em seus quadros, sempre se organizando na superfície da tela.

Lourival Gomes Machado, 1955

A inteligência, por definição contraditória e autocrítica, preside à construção de suas arquiteturas tão peculiares, em que os espaços geométricos são blocos de cor, e por isso desenho e pintura fundem-se, aqui, um no outro. Podemos ser iludidos por traços divisórios, o mais das vezes pretos, que obstam o diálogo direto das zonas coloridas, umas com as outras. Mas não se trata, aqui, de obviar a dificuldade que poderia resultar desses choques, mediante sua superação por linhas fronteiriças neutras. É que o quadro é pensado mesmo como uma edificação, e se um rosa não esbarra num amarelo, um e outro ficam, em suas localizações, cintilando, atraindo-se sucessivamente os olhos, e fazendo-se a estes o desafio, que implica numa responsabilidade, de chegar ao balanço que o artista alcançou.

Arnaldo Pedroso D’Horta, 1972

...O que caracteriza fundamentalmente a obra de Bonadei é, no entanto, como em toda demanda lírica, uma vontade de reorganizar o mundo real – o mundo próximo da vivência paulistana permanente – segundo sua sensibilidade de disciplina, introspecção, calor suavizando a busca de envolvimento poético. Essa disciplina prévia, de ordem interior, refletida essencialmente no método cubista que lhe estrutura toda a composição, o que o fez concentrar-se em alguns poucos temas prediletos, como as paisagens, as naturezas mortas, as flores ou mesclagens entre elas.

Roberto Pontual, 1974

Na década de quarenta, o sentimento de tempo de Bonadei foi marcadamente dramático, associado à tensão da sua vivência do conflito de Eros e Tânatos. A vivência do tempo de Bonadei nessa época se aproximava bastante da que predominou nas correntes expressionistas europeias deste século. Isso explica porque há em Bonadei alguma afinidade com o expressionismo, sem que a sua pintura seja expressionista. Nas décadas seguintes, o sentimento de tempo de Bonadei foi tornando-se menos dramático, se bem que a sua temporalidade musical-narrativa e o seu senso de duração continuassem sempre vigorosos.

Mario Schenberg, 1978

...O que admirava na obra de Bonadei era seu fazer cézannismo. Sem imitar o mestre de Aix-en-Provence, o paulista compreendeu aquela novidade, pintar tendo em mente a geometria, economizando pinceladas, limitando-as às essenciais, uma prerrogativa de Velásquez.

Pietro Maria Bardí, 1980



Aldo Bonadei

(1906 - 1974)

Cronologia elaborada a partir do livro *Aldo Bonadei - Percursos Estéticos de Lisbeth Rebolo*, obra seminal sobre o artista, lançada em 2012, numa coedição da Edusp e Imprensa Oficial.

1906 Nasce Aldo Cláudio Felipe Bonadei, a 17 de junho, no Bairro do Bom Retiro, São Paulo - SP. É o sexto filho de Cláudio e Amélia Bonadei.



Aldo Bonadei e seu pai, 1911

1914/1921 Reside com a família em Santos, SP. Aos nove anos executa seu primeiro quadro a óleo. A partir de então realiza outras pequenas obras autodidaticamente.

1921 A família retorna a São Paulo. Bonadei monta seu ateliê de pintura em casa, onde também funciona o ateliê de *plissé* e bordados da mãe e irmãs. Posteriormente elas abrem uma oficina de costura na Rua Barão de Itapetininga.



Bonadei e suas irmãs, 1929

1923/28 Estuda com Pedro Alexandrino. Frequenta o curso de desenho e artes no Liceu de Artes e Ofícios. Recebe menção honrosa na Exposição Geral de Belas Artes, RJ. Participa desse certame em 1929, 1930 (Medalha de Bronze), 1931 e 1933.

1929/30 Conhece Amadeo Scavone. Realiza capas para os números 18, 19, 20 e 21 da revista *Augusta* dirigida por Lina Terzi.

1930 Em abril viaja à Itália para estudar. Permanece em Roma por três meses. Segue para Florença onde frequenta a *Accademia di Belle Arti di Firenze*. É aluno de Felice Carena e Ennio Pozzi, entre outros.



Bonadei, c. 1930

1931/33 Retorna da Itália em 19 de julho. Expõe em Campinas. Muda-se com a família para o bairro de Moema onde instala ateliê.



Ateliê de Bonadei, Moema, 1947

1934/37 Integra o Salão Nacional de Belas Artes, RJ em 1934, 1935, 1937. A partir de 1940 participa da Divisão Moderna.

1935/36 Passa a integrar o Grupo Santa Helena, com Rebolo, Zanini, Rosa, Graciano, Pennacchi, Rizzotti, Volpi e Manoel Martins. Recebe Menção Honrosa no I Salão Paulista de Belas Artes, SP.



Ateliê de Bonadei, Moema, 1947

- 1937** Participa das exposições da Família Artística Paulista, em São Paulo (I e II, respectivamente em 1937 e 1939) e no Rio de Janeiro (III, em 1940).
- 1938/49** Integra as mostras anuais do Sindicato dos Artistas Plásticos de São Paulo. Ocupa cargos na administração do Sindicato.
- 1939** Integra o Grupo de Cultura Musical, formado em torno de Adolpho Jagle. O contato com a música terá ligação direta com sua fase das *Impressões Musicais* (1940/44). Expõe alguns trabalhos na loja de móveis Casa e Jardim, SP.
- 1939** Falece seu pai. Auxilia sua mãe na oficina de costura situada em sua residência no Bairro de Moema. Realiza desenhos de modelos e desenhos para bordados.
- 1940** Recebe Medalha de Prata no Salão Nacional de Belas-Artes, RJ.
- 1942/44** Ilustra conto de Dostoiévski em antologia da Editora Leitura, RJ. Participa com Lívio Abramo, Manoel Martins, Oswald de Andrade Filho, Clóvis Graciano, Carlos Scliar, e Walter Lewy, do álbum *35 Litografias de Sete Artistas*, impresso pela *Multilith*. Frequenta a residência do psicanalista e crítico Osório César, para ouvir música e discutir arte e cultura. Participa da Exposição Antieixista.
- 1944** Viaja a Ubatuba e São Luís do Paraitinga com o pintor Fúlvio Pennacchi realizando vários trabalhos. Individual na Livraria Brasiliense. Assiste palestras de Anita de Castilho Cabral sobre a *Psicologia da Gestalt*. Atua como figurinista.
- 1944/51** Faz pintura sobre porcelana e desenhos para a Cerâmica Alabarda.
- 1945/46** Individual no Instituto dos Arquitetos do Rio de Janeiro. Integra coletiva na Galeria Benedetti, SP. Expõe no Instituto dos Arquitetos do Brasil, SP. Integra coletiva de artistas brasileiros em Valparaíso, Chile.
- 1947/48** Individual na Galeria Domus, SP. Recebe prêmio Matarazzo do XI Salão do Sindicato dos Artistas Plásticos. Executa tecidos pintados. Viaja à Bahia e expõe na Biblioteca Municipal.
- 1949** Integra a comissão técnica do Salão do Sindicato dos Artistas Plásticos. Participa com Paulo Giolli, Rosemarie von Becker e Lourival Della Guarda, do Grupo Amadores. Fundam o Teatro de Vanguarda com sede no Masp, SP. Integra o corpo docente da primeira escola de arte moderna de São Paulo, a Escola Livre de Artes Plásticas, dirigida por Flávio Motta. Individual na Galeria Domus, SP. Participa das coletivas *Pintores Paulistas* no MEC, RJ e *Pintura e Escultura Moderna*, SP. Integra o júri do I Salão de Belas Artes da Bahia. É nomeado consultor artístico do Masp, SP.

Ateliê de Bonadei, Moema, 1980
Foto de Rômulo Fialdini

- 1950** Recebe Medalha de Ouro do Salão Nacional de Belas Artes. Expõe na Galeria Domus. Funda com Odetto Guersoni e Bassano Vaccarini a Oficina de Arte - O.D.A., voltada para a arte aplicada. Faz capa para a revista *Pilotis*. Recebe Medalha de Ouro no Salão Bahiano de Belas Artes.
- 1951** Expõe na Galeria Ambiente, SP; participa da I Bienal de São Paulo. Recebe a Grande Medalha de Ouro no I Salão Paulista de Arte Moderna, SP, recebe o Prêmio Aquisição no II Salão Bahiano de Belas Artes. Individual na Galeria Domus, SP.
- 1952** A convite do MAM-SP integra eventos promovidos pela instituição: a representação brasileira para a XXVI Bienal de Veneza, uma coletiva de brasileiros no Japão, uma coletiva de arte brasileira, no Chile e a representação brasileira no Salão de Maio, em Paris. Participa da Bienal de Cuba.
- 1953** Participa da II Bienal de São Paulo. Recebe o prêmio SAPS, SP. Integra a mostra de cenários e figurinos no MAM-SP.
- 1954** Recebe o Prêmio Governo do Estado no Salão Paulista de Arte Moderna e o Prêmio de Viagem ao Brasil no Salão Nacional de Arte Moderna. RJ.
- 1955** Falece sua mãe. Participa da III Bienal de São Paulo. Realiza retrospectiva no MAM-SP em mostra abrangendo a produção do período 1926-55.
- 1956** Muda-se para a Rua Abolição, 184, 6º andar, onde fixa o seu ateliê. Expõe no MAM-SP. Participa do V Salão Paulista de Arte Moderna. Expõe no VI Salão Bahiano de Belas Artes.



Bonadei em seu Ateliê na Rua Abolição, Bexiga.

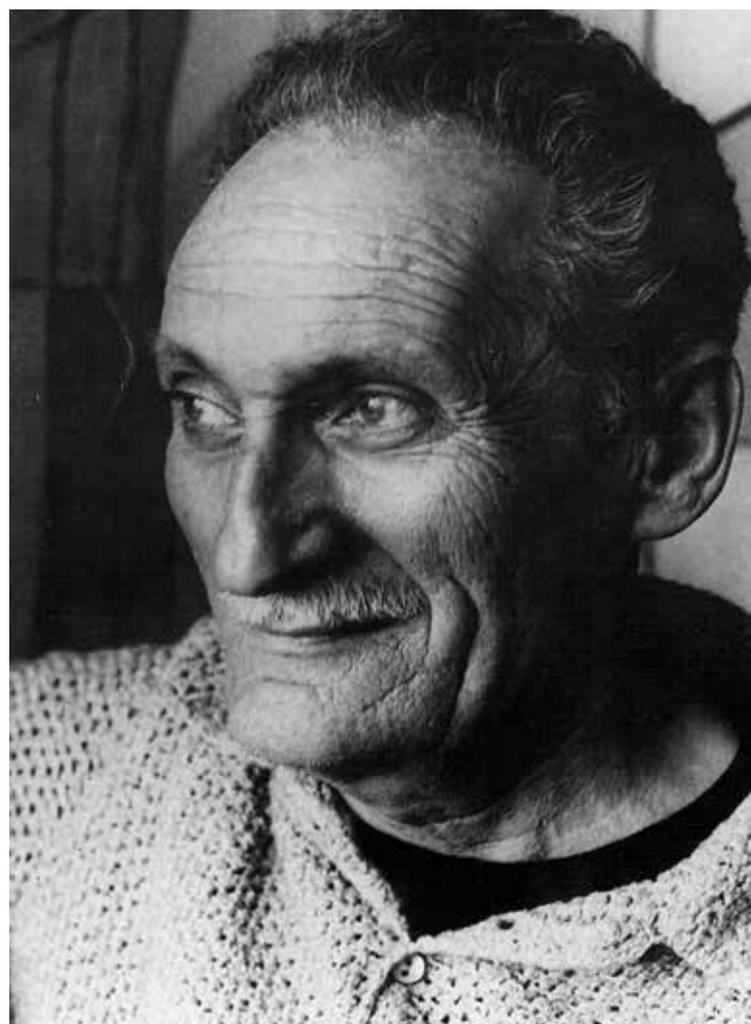


Ateliê de Bonadei, 1980
Foto de Rômulo Fialdini

1957/58 Integra a coletiva *Doze artistas de São Paulo*, na Galeria de Arte das Folhas, em São Paulo. Participa do VI Salão Paulista de Arte Moderna. Recebe o Prêmio Leirner da Galeria de Arte das Folhas, SP. Participa do Salão Bahiano de Belas-Artes recebendo o Prêmio Aquisição. Faz figurinos para a Cia. Nydia Licia. Faz figurinos para o filme *Fronteiras do Inferno* de Walter Hugo Khoury.

1959 Recebe prêmio aquisição no Salão Paulista de Arte Moderna. Realiza figurinos para o filme *Na Garganta do Diabo*, de Walter Hugo Khoury.

- 1960** Expõe na Galeria Aremar, Campinas. Integra coletiva na Galeria de Arte das Folhas, SP. Passa a viver de pintura. Abandona a atividade de figurinista.
- 1961** Participa, com isenção de júri, da VI Bienal de São Paulo. Integra coletiva na Galeria de Arte das Folhas, SP. Participa do X Salão Paulista de Arte Moderna.
- 1962** Individual na Galeria Astréia, em São Paulo. Recebe o Prêmio de Viagem ao Exterior do XI Salão Paulista de Arte Moderna, SP. Viaja a Portugal.
- 1963** Individual na Galeria Bonino, RJ. Participa do XII Salão Nacional de Arte Moderna, RJ. Expõe na FAAP, SP. Participa da VII Bienal de São Paulo.
- 1964** Escreve, em coautoria com Camila Cerqueira César, o conto *A Mancha Verde*. Expõe na galeria Casa do Artista Plástico, em São Paulo.
- 1965** Exposição na Galeria Astréia, SP. Individual no Clube Atlético Paulistano, SP.
- 1966** Integra a mostra *O Grupo Santa Helena Hoje*, na Galeria de Arte 4 Planetas, SP. Expõe na Galeria Astréia, SP.
- 1967** Inaugura a Galeria Plastic Art, SP, com pequena retrospectiva. Individual na Galeria Atrium, SP.
- 1968/69** Individual na Galeria Cosme Velho, SP. Viaja à Itália. Visita várias cidades e realiza trabalhos durante a viagem.
- 1970/71** Integra o álbum de gravuras *O Grupo Santa Helena*, editado pela Collectio Artes, SP. Lança álbum de xilogravuras e poesias pela Editora Onile.
- 1972** Individual na Galeria Bonfiglioli, São Paulo.
- 1973** Individual na Galeria Bonfiglioli. Integra a mostra *Oito Artistas do Grupo Santa Helena*, coletiva inaugural da Galeria Uirapuru, em São Paulo.
- 1974** Falece em 16 de janeiro, na cidade de São Paulo.



Retrato Bonadei
Foto de J.A.P. Xavier

Créditos

REALIZAÇÃO

Galeria de Arte Almeida e Dale

CURADORIA

Denise Mattar

PROJETO EXPOGRÁFICO E ILUMINAÇÃO

Guilherme Isnard

FOTOGRAFIA

Bruno Macedo e Sérgio Guerini

EQUIPE

Eunice Maria Jesus

Maria do Socorro dos Santos Macedo

Miriam Cristina Vieira Lemes

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Monica Tachotte

TEXTO

Denise Mattar

DESIGN GRÁFICO

MMO - Identidade Corporativa

ASSESSORIA DE IMPRENSA

A4 Comunicação

MONTAGEM

Carlos Rodrigues - Lula

Edivaldo Fernandes - Magrão

AGRADECIMENTOS

Aida Cordeiro

Breno Krasilchik

Clara Sancovsky

Eduardo Brenner

Hilda Araujo

Ladi Biezus

Marco Antonio Mastrobuono

Marcos Ribeiro Simon

Orandi Momesso

Pedro Mastrobuono

Raul Forbes

Reynaldo Abucham

Roberta Araujo

Roberto Baumgart

Roberto Kujawski

Sergio Vidigal

Sylvio Nery

Telmo Porto

Victor Colavitti

Vilma Andrade Fúcher

Zeev Horovitz

GALERIA DE ARTE ALMEIDA E DALE

R. Caconde, 152 • Jd. Paulista

São Paulo • SP • CEP 01425-010

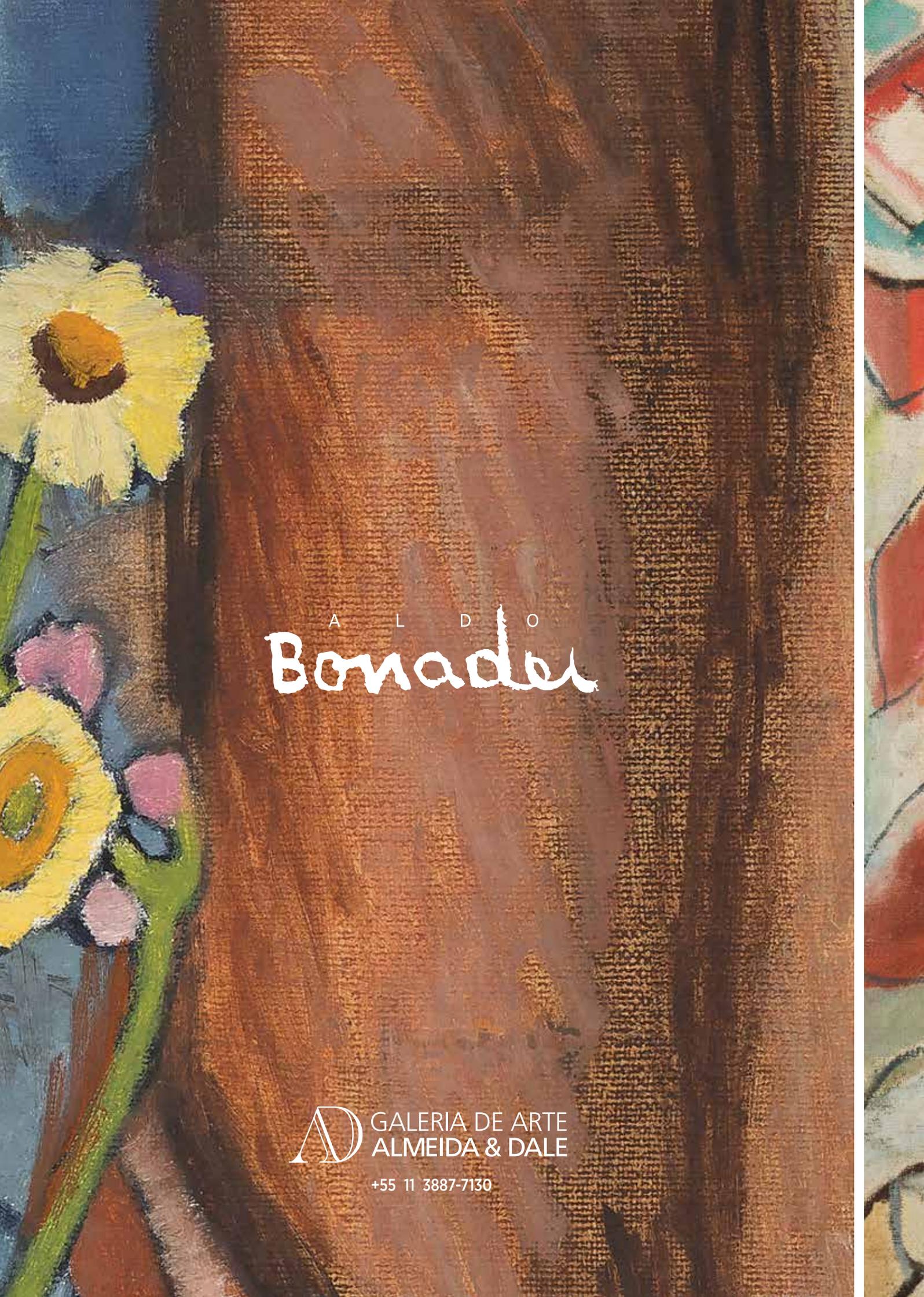
Telefone: +55 11 3887-7130

galéria@almeidaedale.com.br

www.almeidaedale.com.br



GALERIA DE ARTE
ALMEIDA & DALE



A L D O
Bonadeu

 GALERIA DE ARTE
ALMEIDA & DALE

+55 11 3887-7130